



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



ENTRE DIFERENTES OLHARES, UM OLHAR SOBRE A HERANÇA DEIXADA PELO MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA NO BRASIL PARA A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI.

Carlos Menezes de Souza Júnior. Mestrando em Educação. UFS. E-mail: carlosmenezesj@hotmail.com

Eixo Temático 11: Educação, Sociedade e Práticas Educativas.

RESUMO

Objetivou-se nesse artigo analisar os diferentes olhares construídos sobre o Movimento da Escola Nova no Brasil, partindo de diferentes autores como Carvalho, Brandão, para refletirmos acerca de quais as heranças, de fato, foram deixadas pelos escolanovistas para a educação do século XXI. Utilizamos 26,6% dos professores da Educação Infantil e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental da cidade de Umbaúba no estado de Sergipe, como comunidade pesquisada. Neste estudo será feita uma análise qualitativa com base nos dados quantitativos e na obra de Vidal. Foram feitas leituras de diversas obras e a aplicação de um questionário, que buscou perceber quais crenças e valores os professores atuais têm se apoiado para a realização da sua práxis docente, a fim de perceber a influência destes com o discurso dos Pioneiros da Educação Nova no Brasil.

Palavras-chave: Educação atual. Escola Nova. Professores.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar los diferentes aspectos construidas en el Movimiento de la Nueva Escuela en Brasil, a partir de diferentes autores como Carvalho Brandão, para reflexionar sobre el legado de los cuales, de hecho, se quedaron por la Nueva Escuela para la educación del siglo XXI. Utilizamos 26.6% de los maestros de jardín de infantes y 1 al 5 grado de la ciudad Umbaúba escuela primaria en el estado de Sergipe, en la comunidad investigada. Este estudio es un análisis cualitativo basado en datos cuantitativos y la obra de Vidal. Las lecturas se realizan de diversas obras y la aplicación de un cuestionario, que trató de comprender cuáles son las creencias y valores de los profesores de hoy han contado con el apoyo a la realización de su praxis docente con el fin de comprender la influencia de éstos con el discurso de los pioneros de la Nueva Educación en Brasil.

Palabras clave: La educación actual. New School. Profesores.

INTRODUÇÃO

O Movimento da Escola Nova no Brasil aconteceu a partir da década de 20 do século XX e pode ser caracterizado primeiramente sob os conceitos conduzidos pelo próprio Azevedo, um dos seus Pioneiros, que ao escrever *A Cultura Brasileira* descreve este importante momento da nossa educacional:

“Marcha gloriosa e avassaladora do “novo” – movimento que bateu em diversas frentes contra o “velho”, o “tradicional” e o “arcaico”... nutrindo um sentimento cada vez mais vivo de desconfiança em relação ao antigo estado de coisas e às ideias estabelecidas e... uma vontade de destruição e de mudanças econômicas, sociais e políticas.” (CARVALHO. 1998:19).

Este movimento trouxe para a educação brasileira uma grande batalha do “novo” contra o “velho”, dos tradicionais x renovados, dos pioneiros versus católicos, que durante muito tempo reforçou a necessidade da dualidade, do maniqueísmo, tanto nos discursos educacionais como nas produções científicas acerca dos debates sobre educação.

Durante muitos anos, conhecíamos apenas o discurso genuíno dos próprios Pioneiros da Educação Nova, principalmente, por intermédio desta obra de Azevedo, que segundo Toledo (1995):

“*A Cultura Brasileira* é uma síntese, objetivando tornar o Brasil mais bem compreendido, por uma imagem tão exata, quanto possível de sua cultura, um subsídio para a sua reorganização e, por isso, uma obra monumental com legitimidade de interpretação científica e status de marco de referência.” (1995).

Por longo período, a Historiografia do país não conseguia produzir nada de novo, o que Bontempi (1995:129) intitulou como sendo o terreno do consenso, onde os pesquisadores optam preferencialmente por temas já consagrados, de forma a simplificar eventuais obstáculos à aplicação dos modelos teóricos adotados.

Conhecíamos os Pioneiros, até então, como um grupo homogêneo, todos vinculados à Associação Brasileira de Educação, descrita por Miguel Couto em Vanilda, citada por Carvalho (1998):

“a primeira sociedade de profissionais de educação com caráter nacional e sua atuação, principalmente através das Conferências Nacionais de Educação promovidas a partir de 1927, contribui no sentido da difusão dos ideais e princípios da Escola Nova e do otimismo pedagógico em geral... Todo o movimento desencadeado pela ABE estaria dominado pelas ideias de tecnificação pedagógica” (1998:34, 35).

Os escolanovistas faziam questão de ter a sua imagem desvinculada à política e tentavam apagar qualquer avanço ou projeto de educação que, porventura, tivesse antecedido no período do Brasil Colônia, a fim de serem consagrados como os Pioneiros da Educação. A História produzida por eles apontaram para uma lacuna, um vácuo de projetos educacionais entre o período jesuítico e o surgimento do Movimento da Escola Nova. Acerca do discurso cívico da ABE, Carvalho (1998) sublinha:

“O discurso cívico da ABE opera maniqueisticamente, produzindo imagens de realidade brasileira que opositivamente se interqualificam. O presente é reiteradamente condenado e lastimado, sendo caracterizado de modo a fundamentar temores de catástrofes iminentes, que atingiriam o país se a campanha não obtivesse os resultados desejados. O futuro é insistentemente aludido como dependente de uma política educacional: futuro de glórias ou de

pesadelos, na dependência da ação condutora de uma “elite” que direcione, pela educação, a transformação do país” (1995:140, 141).

E os Pioneiros da Educação se autcredenciaram para conduzir este projeto de transformação através da educação, que tinham como principais nomes Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Paschoal Lemme, dentre tantos outros, os quais defendiam a criação da escola única, laica, gratuita e obrigatória e se incumbiram de propagar a boa nova, seja por meio da propagação do discurso promovida pelas Conferências Nacionais e outros eventos de mesmo propósito, seja por meio das produções científicas ou mesmo pela criação de instituições, cuja finalidade era a formação de professores, a exemplo do Instituto de Educação do Distrito Federal, assim a pedagogia intitulada de renovadora, cujo sujeito central era o aluno e tinha a experiência como o único aliado na busca por aprendizagens significativas, era difundida e inserida no projeto de nacionalidade proposto por este grupo.

Após décadas, surgiram obras historiográficas capazes de romper com este único olhar até então fixado por inúmeros estudiosos e pesquisadores acerca da escola Nova no Brasil, dentre eles podemos citar Monarcha (1989), Paiva (1973), Cury (1978), Carvalho(1998), Nunes(2000), Brandão(1999), Vidal(2001), dentre outros, os quais contribuíram com seus diferentes olhares para a compreensão mais nítida deste importante período da História Educacional Brasileira. Faremos um passeio por alguns destes olhares em seus aspectos mais relevantes.

Nunes (2000) procura demonstrar na sua obra que os escolanovistas que assinaram o Manifesto de 1935 têm uma base comum baseado na filosofia pragmatista americana, onde o indivíduo deve anteceder ao Estado e o autogoverno é o único capaz de ajudar, mas aponta também para indícios que nos fazem duvidar da homogeneidade deste grupo. Fato aprofundado por Vidal (2001) que tem como objetivos de sua obra destacar a administração de Anísio diante da reforma azevediana, estabelecendo alguns contrastes e marcando sua singularidade, além de demarcar fronteiras entre o pensar e o fazer de Teixeira e de Lourenço na perspectiva de construção do espaço escolar do Instituto como um local que permite conflito e consenso. A autora (2001:58) apesar de enfatizar pontos em comum entre os renovadores conseguiu mostrar divergências entre eles, citando “Azevedo e Teixeira que defendiam uma nova concepção de ensino centrado na atividade e no interesse infantil, algumas bandeiras da Escola Nova, apesar de diferirem quanto à prática”. Carvalho (1998:31) ainda mostra que a ABE também não era formada de maneira homogênea pelos escolanovistas, pois também congregou número significativo de católicos, que seriam adversários dos próprios pioneiros, e acrescenta ainda:

“A prática da ABE exhibe-se como estratégia de credenciamento de um tipo particular daqueles “colaboradores eficientes” das classes dominantes... assim concebida, a prática da ABE prepara as mudanças na composição das “elites” dirigentes que se verificam depois de 1930, com o crescimento do aparelho do Estado, pela absorção de grupos de técnicos”(1998:38)

Nesta mesma obra, também é abordada a questão de “Renovadores” e “Tradicionalistas” que se moviam num mesmo campo de debates, propondo a questão educacional sob a óptica da formação da nacionalidade, havendo assim mais relevância nas semelhanças do que nas diferenças das propostas, tratando o projeto dos Pioneiros como marcadamente elitista, cujo suposto principal era o de que a “nação” só poderia constituir-se por um trabalho de direção de “elites” (1998:24). Este olhar nos faz refletir sobre Azevedo, Lourenço Filho, Anísio e tantos outros, acerca dos aspectos de como estes conseguiriam ser profissionais da educação capazes de resolver o problema da educação no país, se todos estes se mantiveram no poder de instituições públicas brasileiras de grande importância para a época durante longos anos, a exemplo dos cargos ocupados por Azevedo e Anísio, os quais ficaram à frente da Instrução Pública do Distrito Federal, que, inclusive, graças a este cargo mantido por conchaves políticos conseguiram grandes avanços em busca da criação de um sistema de educação a nível nacional onde Carvalho (1998) reforça, a partir do relato de Venâncio Filho, esta aproximação do fator político com este

grupo desde a gênese da Fundação da ABE:

“Decidiu-se pela inoportunidade da Federação e optou-se pela organização de um partido político- a Acção Nacional- que foi iniciada com a redação e a circulação de um documento a ser subscrito por um número estimado em quinhentos em adeptos... foi do malogro da organização da Acção Nacional que nasceu a Associação Brasileira de Educação, surgindo assim a ABE a 29 de agosto de 1924” (1998: 54)

A partir destes distintos olhares vistos até o momento acerca da Escola Nova no Brasil, posiciono-me próximo a Brandão(1999):

“Agremiados na ABE, para discussão e debate dos problemas educacionais do país, e à frente das Diretorias da Instrução Pública, esses intelectuais foram se qualificando para o tratamento técnico-científico das questões da educação... O escolanovismo analisado enquanto adaptação da escola aos desígnios da burguesia tem obscurecido, a meu ver, uma das dimensões mais características da atuação desse grupo, no cenário educacional da época: o de ter sido o primeiro grupo a tentar comprometer o Estado com uma política de educação que atendessem aos setores populares” (1999: 77)

Ainda que o projeto de educação proposto e realizado por este grupo de intelectuais das décadas de 20 e 30 tenha sido executado “de cima para baixo”, conduzido por e para uma classe dominante, pautado no entusiasmo pedagógico, que deposita na educação a responsabilidade de curar as mazelas sociais, o Movimento escolanovista trouxe grandes avanços estruturais para o sistema de educação no nosso país, instituindo, de fato, uma política pública educacional no Brasil, além de ter começado a fazer um trabalho sério com a formação docente do professor, pois este precisava ser formado tecnicamente para que a mudança pedagógica defendida por este movimento chegasse aos ambientes escolares, assim foram organizados os centros de formação normalísticos, que serviram como grandes propagadores dos princípios pedagógicos da Escola Nova, onde eram vistos como verdadeiros laboratórios onde se ensinava e se aprendia com a prática, com a experimentação.

Depreendamos o nosso olhar neste trabalho para refletirmos sobre as contribuições e/ou desserviços que este movimento trouxe para a História da Educação Brasileira, bem como para a construção do perfil dos professores do século XXI. É fato que outras tendências educacionais apareceram ao longo da História, como a Tecnicista e outras; é legítimo também que, posteriormente, outros intelectuais surgiram defendendo outros projetos de educação com características semelhantes, mas a Escola Nova nos serve como marco histórico.

Pretendemos com este estudo revelar que princípios, pensamentos e ideias dos Pioneiros da Educação Nova no Brasil ainda prevalecem nas crenças e nos valores do ideário coletivo docente do nosso país. Caso esta seja revelada com bastante nitidez e intensidade, apontaremos esta herança como mais um legado importante deixado por este Movimento para a educação do nosso país. Caso a revelação seja insipiente, tentaremos perceber até que ponto a reforma pedagógica dos renovadores das décadas de 20 e 30 do século XX tem ou não influenciado a educação atual.

1. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa utilizou a fonte a bibliográfica como base, a partir de algumas obras que trazem uma análise acerca da historiografia do Movimento Escola Nova no Brasil sob diferentes olhares, para que possamos aprofundar a nossa visão acerca das suas características e de distintas problematizações feitas deste

período tão importante para a História da Educação Brasileira.

Aplicamos também um questionário com 40 professores efetivos da esfera municipal da cidade de Umbaúba, localizada em Sergipe, atuantes na Educação Infantil e primeira fase do Ensino Fundamental Menor, do 1º ao 5º ano, que possui um quadro total de 150 professores trabalhando neste nível de ensino, desta forma conseguimos abrangermos 26,6% da comunidade pesquisada. O questionário foi composto por 16 questões fechadas que abordaram algumas temáticas relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, como vocação, estratégias metodológicas, livro didático, leitura, prática docente, dentre outros.

A escolha de Umbaúba para fazer parte deste estudo se deu apenas pelo livre acesso do pesquisador com a Rede de Educação da referida cidade, fato que facilitou a aplicação dos referidos questionários em 30% das escolas do município, ou seja, 06 escolas das 20 existentes. Tivemos a preocupação de selecionarmos escolas da área urbana, duas, e quatro da área rural, pois queríamos perceber, a partir destas sinalizações, em quais crenças e valores os professores do século XXI têm apoiado a sua prática pedagógica. Realizamos ainda seis entrevistas com professores desta mesma rede educacional.

Como último passo, buscamos relacionar tais crenças e valores sinalizados pelos professores pesquisados com o discurso promovido pelos Pioneiros da Educação Nova a partir da década de 20, a fim de analisarmos até que ponto os escolanovistas fracassaram e que contribuições e/ou desserviços estes prestaram à História da Educação no nosso país.

1. RESULTADOS E DISCUSSÕES

É bem verdade que somos frutos da nossa história e dela herdamos muito do pensamento consolidado no ideário coletivo social das gerações passadas. Restringimos esta análise apenas às crenças e aos valores de caráter pedagógico, indicados pela comunidade pesquisada, a fim de buscarmos encontrar nestas sinalizações possíveis contribuições e/ou desserviços deixados pelos escolanovistas, a partir de seu discurso modernizador, para os professores atuantes na educação básica do século XXI.

A primeira questão levantada faz referência a quem ocupa o lugar central no processo de ensino e aprendizagem, onde 57,5% dos pesquisados coloca o aluno nesta posição, apenas 20% destina este espaço ao professor, 10% ao planejamento, 7,5% ao sistema e 5% não concordava em marcar nenhuma das alternativas apresentadas. Quando questionados sobre que postura o aluno deve exercer na sala de aula, a grande maioria, 75%, aponta que este deve ser um ser ativo, contra 20% que indicou que este o aluno deve ser um sujeito reflexivo.

Estas duas primeiras respostas nos faz acreditar que as principais características do Movimento Escola Nova no Brasil ainda persistem nas crenças atuais dos profissionais de Educação brasileira, mesmo depois de 90 anos do seu início, já que os Pioneiros tinham justamente como premissa pedagógica principal o aluno como sujeito ativo, ocupando a posição central do processo educacional, devendo este estar o tempo inteiro envolvido com o concreto, com a experimentação, repleto de atividades.

Quando questionados se os alunos aprenderiam mais com aulas de campo, 65% dos pesquisados responderam que desta forma os alunos aprendem muito mais, pela aproximação com o concreto, 25% também concorda com esta afirmativa, todavia utiliza como justificativa esta estratégia tornar a aula diferente, contra apenas 5% que diz que não há maior aprendizagem por parte dos alunos, apenas será uma aula diferente. A autora Vidal (2001:62) afirma que uma das formas propostas pela Escola Nova para este alargamento do campo de conhecimento eram as excursões. Ainda sobre este assunto trata Vidal:

“Finalmente, quando ao ensino de Conhecimentos Sociais, insistia-se na realização de álbuns de gravuras, fotografias e de excursões a museus, monumentos e locais históricos... como forma de visualização do

conhecimento.”(2001:136).

Outra estratégia metodológica tratada com os professores foi acerca da experimentação do aluno com os materiais concretos, indagando se as aulas de Ciências fossem ministradas em laboratórios específicos, garantiríamos a aprendizagem destes alunos, e a enorme maioria, 80%, respondeu que sim, com convicção, alegando que a experimentação faz a diferença, já 15% também responderam que sim, justificando que somente a explicação docente por si só não garante uma aprendizagem adequada. A Escola Nova pregava a realização de experiências como condições de aprendizagem dos conceitos, as aulas de Ciências realizavam-se em laboratórios. Lâminas, tubos de ensaio e microscópio era utilizados para fazer experiência. (Vidal: 2001: 136 e 16)

As dramatizações e os jogos surgiam na Escola Nova como recurso de fixação então fez o seguinte questionamento: Os alunos aprendem mais quando o professor utiliza jogos e as dramatizações em suas salas de aula Mais de 62% responderam que muito mais, pois estas servem como recursos de fixação contra mais de 32% que afirmam que sim, alegando esta ser uma aula diferente. Todos acreditam nos jogos e nas dramatizações como uma metodologia positiva para a aprendizagem dos alunos.

Exatamente 45% dos professores acreditam que as aulas devem ser vivas, 20% afirmam que elas devem ter prioritariamente técnicas definidas, outros 20% defende que as aulas precisam ter conteúdo e 12,5% regras. Mais uma vez prevalece um pensamento dos Pioneiros da Educação da década de 30, citado por Vidal (2001) que traz o depoimento de D. Helena, normalista que estudou no Instituto de Educação do Distrito Federal, principal escola de normalistas responsável por formar professores à época:

“O professor Carlos Werneck levou uma cobra d’água, com os ovinhos para nascerem as cobrinhas... levava sapo para vermos como era o sistema nervoso do sapo. Quando se apertava determinadas partes, a defesa do sapo era soltar veneno em defesa. Então a gente tinha que se proteger. Eram o mais possível aulas ao vivo. Não era aulas mortas. Havia um esqueleto. Os ossos todos armados direitinho para na hora de exame pudéssemos dizer o nome daqueles ossos todos... Era tudo assim.(2001:35).

O Movimento Escola Nova acreditava que ao professor competia relacionar a matéria a sua utilidade cotidiana, de maneira a promover a experiência dos conceitos (Vidal: 2001: 63) e exatamente 92,5% do público pesquisado acredita nesta assertiva, contra 7,5% que defende que a competência do professor está em transmitir conteúdos estabelecidos por ele em seu planejamento. A cada item analisado reforça-nos a força das ideias pedagógicas do movimento escolanovista que perduram até hoje no ideário coletivo docente.

Sobre o universo do livro didático e do trabalho de leitura em sala de aula, Azevedo explica através de Vidal (2001):

“...a educação nova, longe de deprimir o valor do livro, o reabilita pela ‘nova função’ que lhe atribuiu, como um instrumento de trabalho. O livro de texto, na escola tradicional, é o ‘centro’, em torno do qual gravitam todas as atividades escolares que se sucedem...o fastio das leituras sem interesse, com que a escola transmite o desamor senão horror aos livros; este o livro que se precisa e se procura, como fonte de informações, de estímulos, de recreio e de reflexão e extrai todo seu encanto...(2001:204)

Exatamente 85% dos professores corroboram mais uma vez com o pensamento pedagógico da Escola Nova e colocam o livro didático na posição de instrumento de trabalho contra 15% que afirmam que ele é o centro onde gravitam as atividades escolares, prática rotineira da fase pré-novistas. Diferentemente das

constatações feitas até este momento do nosso estudo, a maioria dos pesquisados estão em consonância com uma crença defendida pelos tradicionalistas, termo este dado pelos Pioneiros da Educação novista para desqualificar as práticas escolares antes dos autointitulados 'renovadores' ou pelo menos há uma divisão acirrada de defesas. Mais de 47% marcaram o item A que traz a ideia de que a leitura deve ser "tomada" diariamente pelo professor, contrariando a opção B que obteve a escolha de 45% dos pesquisados, que acreditam que a leitura deve ser livre para que os alunos possam escolher livros ao alcance deles, para se tornar mais prazerosa, ainda 5% assinalaram o item C que diz que a leitura deve ser feita de forma silenciosa, privilegiando os ritmos individuais e 2,5% escolheram a alternativa D, a favor da leitura como extensiva, possibilitando a criança a apropriação com o maior número de livros possíveis. Somando os itens A e D, que traz na sua essência ideias anteriores aos Pioneiros no Brasil, somam 50%; já adicionando as alternativas B e C, ideias propostas pelo Movimento, também chegam a este mesmo percentual. Os escolanovistas afirmavam que a leitura prazerosa podia ser encontrada no trabalho e na escola, despertando no aluno novo prazer por ler e que a oralidade cedia lugar ao silêncio, privilegiando ritmos individuais. (Vidal, 2001:207 e 208)

Os pesquisados também foram perguntados sobre a sua visão com relação a estratégia em dividir as salas em alunos "fortes", "médios" e "fracos", prática realizada nas décadas de 20 e 30 e ainda bem utilizada nos ambientes públicos escolares atuais, obtendo 37,5% que vêem como uma estratégia muito boa, facilitadora do ensino e da aprendizagem, 27,5% que afirmam que toda estratégia é bem-vinda, 22,5% enxergam como boa, pois é bom para o ensino e ruim para aprendizagem e apenas 7,5% colocam-na como ruim e prejudicial, pois dificulta a aprendizagem. Ficamos inquietos com esta constatação, uma vez que esta crença pode ser até cômodo para a escola e para o sistema, mas, na prática, é grande inimiga da possibilidade das aprendizagens horizontais, construídas a partir, justamente, dos trabalhos em grupo entre os próprios alunos e do convívio social entre eles, onde há trocas significativas de conhecimentos.

Após perguntarmos se a vocação é necessária para a formação de um professor competente e comprometido com a educação 85% respondeu que sim, contra 15% que respondeu não. Esta crença, em pleno século XXI, também nos inquieta, pois ela está atrelada ainda à figura do docente a um plano sacerdotal, ainda herdada da pedagogia jesuítica, onde o trabalho profissional parece estar vinculado a uma tarefa ou missão divina, esquecendo-se da profissionalização do magistério, da valorização desta categoria, que como todas as outras profissões deve estar comprometido e desenvolver suas atividades de forma competente, uma vez que é remunerado por seus serviços e deve ter a consciência política das implicações de sua atuação dentro da sociedade e o seu papel social frente as suas contribuições.

Nagle (1976) elaborou como já vimos na introdução deste estudo categorias analíticas: "entusiasmo pela educação" e "otimismo pedagógico", as quais se transformaram em um marco bibliográfico, utilizado posteriormente por inúmeros intelectuais de educação que se dedicaram a estudar a Escola Nova. Justifica Brandão (1999) sobre a importância deste trabalho:

"Foi um dos primeiros trabalhos no campo que procurou localizar na própria dinâmica da sociedade (conjuntura política, econômica e social) a gênese do movimento educacional... procurou captar o movimento das representações sociais sobre as relações educação e sociedade na 1ª república, e o processo de organização e atuação dos educadores, enquanto grupo profissional, no encaminhamento de uma política de educação e na administração pública."(1999:30)

Em meio aos diferentes olhares apresentados na introdução por renomados autores que contribuiriam com a Historiografia educacional brasileira, procuramos investigar qual o olhar que os professores do século XXI nutrem com relação à postura ideal a ser adotada para tornar-se um professor preocupado com a transformação social, e possibilitamos as seguintes escolhas: A) um técnico, B) um político, C) um técnico e um político simultaneamente, D) uma grande planejador de estratégias metodológicas, além da opção

de E) não marcar nenhuma das alternativas anteriores e, estranhamente 90% decidiram pela opção D, contra 10% que assinalou a questão C; nenhuma outra alternativa mais foi assinalada. Observamos, neste caso, uma grande herança da crença e dos valores da tendência tecnicista de educação, que colocava o planejamento em fator preponderante dentro do processo, acima até mesmo do processo e da finalidade, afastando-se do otimismo pedagógico impregnado pelos escolanovistas.

Quando questionados sobre o qual o maior desafio hoje para alcançarmos a aprendizagem devida, 80% aponta a falta de regras e disciplinas dos alunos como maior desafio, contra 10% que colocou a causa na heterogeneidade das turmas, apenas 7,5% assinalou os problemas sociais e 2,5% indicaram a falta de preparo dos professores e, estranhamente, nenhum professor colocou a ausência de uma carreira profissional devida, com salários justos com motivo. Estes dados nos remetem ao posicionamento de Vidal (2001:138) acerca da disciplina baseada nos princípios da Escola Nova: "A disciplina mantida pela obediência e rotina não respeitava o princípio "educação dentro da liberdade e para a liberdade", então abriremos um parêntese aqui para pensarmos o seguinte: se as constatações feitas neste estudo demonstram grande influência do ideário pedagógico dos escolanovistas nas crenças e nos valores dos professores atuais, então vale a pena refletirmos sobre que conceito de liberdade foi absorvido pelos sistemas educacionais que se pautavam neste princípio com o decorrer do tempo, esta sobrepôs a busca pela rotina e obediência Este é apenas um aspecto de um possível desserviço deste movimento para a educação brasileira, que junto a dezenas de tantos outros fatores tem desembocado na falta de regras e limites tão latentes nas nossas salas de aulas, além de nos fazer retomara outra das categorias de Nagle (1976), o "entusiasmo pela educação", caracterizado assim por Carvalho(1998):

"O "entusiasmo pela educação" caracterizar-se-ia pela importância atribuída à educação, constituída como o maior dos problemas nacionais, problema de cuja solução adviria o equacionamento de todos os outros." (1998:32)

O baixo índice sinalizado pelos professores, deixando de atribuir aos problemas sociais a principal causa para o fracasso da aprendizagem das instituições escolares nos fez perceber a existência ainda, em pleno século XXI, deste "entusiasmo pela educação" dos escolanovistas, tão discutidos por grandes intelectuais da educação que se dedicam ao estudo deste período da nossa história educacional. Nas crenças destes atuais professores, a educação é a solução para todos os problemas e só ela é capaz de resolver as mazelas sociais Para aprofundarmos com esta discussão e não nos levar a constatações seguras, resolvemos entrevistar seis docentes, um em cada escola envolvida nesta pesquisa e, 83,3% dos entrevistados acreditam nesta assertiva, contra apenas 16,7% que indica que a educação sozinha não conseguirá resolver os problemas sociais e que estes estão inteiramente ligados aos desafios escolares. Observemos o relato da Professora Aurenitha Morgana Souza:

"Os problemas do atraso e do caos brasileiro só serão resolvidos quando a escola exercer bem o seu papel, pois através da educação é que conseguimos transformar a realidade social(pausa); podemos vê o exemplo das cidades do sul do país, onde as escolas municipais são referenciais, verdadeiros exemplos, conseguindo mudar as desigualdades da sociedade."

Por último, pedimos para assinalarem sobre quais estratégias metodológicas já aplicaram em suas salas de aula neste primeiro semestre do ano letivo de 2013 e todos eles responderam, quase que por unanimidade, aulas de campo, jogos, dramatizações, modelagem, desenhos livres, uso de livros didáticos e o uso da tabuada. Fica nítido que estas atividades, com exceção da última, ganham força nas ideias defendidas pelo Movimento da Escola Nova no Brasil, as quais conseguiram ressonância mesmo no início do século XXI, fato já esperado no percurso deste estudo, ao passo que conseguíamos constatar com os dados levantados, a partir do questionário aplicado, que as crenças e os valores dos professores atuais em muito coincidem com o discurso dos "renovadores" das décadas de 20 e 30 do século XX.

Apenas 20% confirmaram que faz uso das experiências em suas salas de aula, indicação que nos causou estranheza, uma vez que estes demonstraram acreditar e valorizar esta prática pedagógica, então aproveitamos as entrevistas realizadas para esclarecer, a princípio, esta incoerência, mas praticamente tivemos o mesmo discurso entre os entrevistados. Informa a professora Emanuela Wanus a este respeito:

“A maioria de nós acreditamos e sabemos da importância da experiência no processo de ensino e aprendizagem, mas o que vejo é que muitas colegas não fazem porque dá mais trabalho e dizem que os alunos se comportam pior ainda e isso exige do professor um desgaste ainda maior, todavia eu faço a minha parte e utilizo esta estratégia no meu planejamento, pois sei o quanto faz bem para a aprendizagem dos meus alunos.”

O movimento dos escolanovistas pode até ter fracassado no século passado, mas é incontestável, a partir deste estudo, que a educação do século XXI traz, em sua essência, grande parte das suas ideias e pensamentos pedagógicos, revelados nas crenças e nos valores demonstrados por este público de professores atuantes no ano de 2013.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Primeiramente precisamos ter clareza que não podemos classificar os escolanovistas como heróis ou bandidos, pois temos que estar conscientes que cada período da história é único e traz em sua essência a complexidade do dado momento vivido, afastando-se do que Nascimento (2003:58) chama de “olhar julgador”, queo autor descreve como “prática de história tribunal, que é quando o olhar histórico se transmuta em “olhar julgador” e gera “versões estereotipadas dos movimentos educativos.” , prática que consiste no julgamento que parte da análise do contexto presente para fazer juízo de valor de ações de tempo passado, sem considerar o contexto e as possibilidades de cada momento.

Também não pretendemos com este estudo nos utilizarmos do presentismo, como sublinha Bomtempo (1995):

“Boa parte dos trabalhos não resulta de um efetivo interesse na investigação histórica, mas sim de longos recuos no tempo para encontrar a “origem” do que se está examinando, espécie de investigação que, tendente à superficialidade, reforça às explicações históricas já cristalizadas o pensamento pedagógico. (1995:6)

Fizemos o movimento contrário, analisamos os olhares focados no Movimento da Escola Nova no Brasil, a fim de emprestarmos o nosso olhar acerca do referido movimento, tentando apontar as suas contribuições e desserviços para a educação brasileira.

Apesar dos Pioneiros da Educação negar sua imbricação com a política partidária, de desvincularem os problemas sociais aos educacionais, de transferirem a responsabilidade de solução para o atraso do país apenas à educação, de pregarem que todos que compunham a Associação Brasileira de Educação tinham um discurso uníssono, entendemos que estas atitudes não representaram, nem de forma longínqua, a realidade vivida, também temos a convicção de que a educação tem seu papel em meio à sociedade, mas não lhe cabe a total responsabilidade, nem tem condições de resolver todas as mazelas sociais, entendemos também que a reforma proposta pelos “renovadores” foi dirigida por uma minoria “elitista”, com mudanças que foram provocadas verticalmente, mas reconhecemos, concordando com Brandão (1999) que foram eles os primeiros a instituírem no país um Sistema Público de Educação, fato que já merece nossa admiração, e procurou destinar, pela primeira vez, o acesso das classes populares às salas de aulas. Não podemos nos esquecer que os Pioneiros foram os grandes colaboradores da

profissionalização docente, dando acesso ao técnico profissionalizante nas escolas normalistas para aqueles que queriam trabalhar nesta atividade profissional.

Com a pesquisa realizada fica evidente que a Escola Nova do Brasil não fracassou, nem necrosou com o tempo, pois ela ou, pelo menos, grande parte dos seus princípios, pensamentos e ideias estão muito vivos nas crenças e nos valores do ideário coletivo dos professores do século XXI, que respaldam sua prática pedagógica maciçamente no discurso pedagógico das décadas de 20 e 30 do século XX, demonstrando que acreditam que o aluno deve ocupar o centro do processo, tornando-o um ser ativo com o desenvolvimento de aulas "vivas", onde a experimentação é o que garante aprendizagens significativas, trazendo para os ambientes a dramatização e jogos como estratégias eficazes para fixação de conceitos, e trazendo o livro como mais um instrumento de trabalho, sendo a leitura acessível e prazerosa para os alunos. Percebemos também que os professores atuais acreditam em ideias e práticas propostas e realizadas em outros períodos da história da educação do nosso país, sejam em práticas tradicionais ainda presentes no ensino jesuítico na época do Brasil Colônia, como a "tomada" de leitura dos alunos por parte dos professores, ou ainda o uso de tabuada em suas aulas; sejam nas ideias da tendência Tecnicista de Educação(), onde o professor era visto como um grande planejador de suas estratégias.

E foi, justamente, estas constatações que nos permitem ao final deste estudo emprestarmos o nosso novo olhar acerca dos Pioneiros da Educação Nova, pois, ainda que somente levemos em consideração os aspectos pedagógicos e metodológicos propostos por este movimento, estas mudanças já nos deixam um legado bastante significativo no interior dos ambientes escolares no decorrer da história da educação brasileira, mesmo tendo consciência que estas transformações não são suficientes para a garantir o sucesso da instituição escolar, já que um projeto de educação precisa ser transformado juntamente com todos os outros: o econômicos, o social, o político.

Não podemos afirmar que as escolas não têm conseguido desenvolver com êxito o processo de ensino e aprendizagem por ainda acreditarem em grande parte nos princípios da Escola Nova, nem muito menos que a transformação social tão almejada ainda não aconteceu, porque as mudanças não foram propostas em todos os projetos que movimentam à sociedade, pois seriam apenas especulações, mas podemos dizer com convicção que a Escola Nova foi um marco histórico que conseguiu modificar o olhar das futuras gerações acerca do problemática da educação no nosso país.

Percebemos também com este estudo que se faz necessário que os professores tomem consciência do seu papel político dentro da sociedade, que pode e deve ser exercido com a profissão que escolheu, não por vocação, mas porque de uma forma ou de outra começou a desempenhar esta atividade profissional, que como qualquer outra requer profissionais comprometidos e competentes com a sua atuação fim, para estar preparado tecnicamente e politicamente para lutar pela transformação da sociedade.

1. REFERÊNCIA

BONTEMPI Junior, Bruno. 1995. **História da educação brasileira: o terreno do consenso**. São Paulo, PUC. (Dissertação – Mestrado em Educação).

BRANDÃO, Zaia. **A Intelligentsia educacional - Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil**. Bragança Paulista- SP; EDUSF, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e Fôrma Cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista-SP, EDUSF, 1998.

CURY, Carlos Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira. Católicos e Liberais**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ NPGED,

2003.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista- SP; EDUSF, 2000.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 1995. **Fernando de Azevedo e a cultura brasileira ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura**. São Paulo, PUC, , Dissertação de Mestrado.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista-SP, EDUSF, 2001.